

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS E EDUCAÇÃO - EAD/UAB

LUANA DA SILVA DE SOUZA

EDUCOMUNICAÇÃO E INTERDISCIPLINARIDADE NAS DISCIPLINAS
LITERATURA, HISTÓRIA E FILOSOFIA, ATRAVÉS DA OBRA
“FRANKENSTEIN, OU O PROMETEU MODERNO” DE MARY SHELLEY

SÃO BORJA

2023

LUANA DA SILVA DE SOUZA

**EDUCOMUNICAÇÃO E INTERDISCIPLINARIDADE NAS DISCIPLINAS
LITERATURA, HISTÓRIA E FILOSOFIA, ATRAVÉS DA OBRA
“FRANKENSTEIN, OU O PROMETEU MODERNO” DE MARY SHELLEY**

Artigo apresentado ao Programa de Pós-Graduação *Latu Sensu* em Especialização em Mídias e Educação da Universidade Federal do Pampa como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Mídias e Educação.

Orientador: Dr. Miro Luiz dos Santos Bacin.

SÃO BORJA

2023

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

S179e Souza, Luana da Silva de
EDUCOMUNICAÇÃO E INTERDISCIPLINARIDADE NAS DISCIPLINAS
LITERATURA, HISTÓRIA E FILOSOFIA, ATRAVÉS DA OBRA
FRANKENSTEIN, OU O PROMETEU MODERNO DE MARY SHELLEY / Luana da
Silva de Souza.
21 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) --
Universidade Federal do Pampa, ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIA E
EDUCAÇÃO, 2023.

"Orientação: Miro Luíz dos Santos Bacin".

1. Educomunicação. 2. Frankenstein. 3.
Interdisciplinaridade. 4. Mídias. 5. Educação. I. Título.

LUANA DA SILVA DE SOUZA

**EDUCOMUNICAÇÃO E INTERDISCIPLINARIDADE NAS DISCIPLINAS DE LITERATURA,
HISTÓRIA E FILOSOFIA, ATRAVÉS DA OBRA “FRANKENSTEIN, OU “O PROMETEU
MODERNO”, DE MARY SHELLEY**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Especialização em Mídia e Educação da Universidade Federal do Pampa/UAB, como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Mídia e Educação.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 21 de março de 2023

Banca examinadora:

Prof. Dr. Miro Luiz dos Santos Bacin
Orientador
(Unipampa)

Prof.^a Esp. Jacqueline Iglessias Cassafuz
(Rede de Ensino São
Borja/RS)

Bel. Esp. Larissa Batista de Vargas

(Rede de Ensino
Uruguaiana/RS)



Assinado eletronicamente por **MIRO LUIZ DOS SANTOS BACIN, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 21/03/2023, às 15:33, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Larissa Batista de Vargas, Usuário Externo**, em 22/03/2023, às 13:49, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1079017** e o código CRC **056F0F49**.

Resumo

Este artigo busca trabalhar a partir dos conceitos de Educomunicação e a interdisciplinaridade em sala de aula a partir da obra Frankenstein, ou o Prometeu Moderno, de Mary Wollstonecraft Shelley, escritora oitocentista que trabalhou em seu romance/ficção científica, temas que afligiram o seu período e ainda refletem a atualidade. Busca-se em conjunto das disciplinas de Literatura, História e Filosofia, se utilizar de diversos recursos para um maior diálogo e interesse por parte dos alunos em sala de aula.

Palavras-chave: Educomunicação, Frankenstein, Interdisciplinaridade, Mídias, Educação.

Summary

This article seeks to work from the concepts of Educommunication and interdisciplinarity in the classroom from the work Frankenstein, or the Modern Prometheus, by Mary Wollstonecraft Shelley, a nineteenth-century writer who worked on her novel/science fiction, themes that afflicted her period and still reflect the present. Together with the disciplines of Literature, History and Philosophy, we seek to use different resources for greater dialogue and interest on the part of students in the classroom.

Keywords: Educommunication, Frankenstein, Interdisciplinarity, Media, Education.

1. Introdução

A obra literária *Frankenstein: ou o Prometeu Moderno – 1818*, da autora Inglesa Mary Wollstonecraft Shelley (1797 – 1851), é considerada um clássico da literatura mundial. Atemporal, permanece em ampla conexão com problemas da contemporaneidade, além de ser referência para diferentes pesquisas, em diversas áreas.

Pensando na utilização da obra, a partir de diferentes questionamentos, e no interesse que ela gerou na atualidade, em grande parte, devido à popularização da figura de Frankenstein, em especial, pelo estúdio de filmes *Universal Monsters*, seria interessante trabalhar com tal produção em sala de aula, em conjunto com diversas disciplinas e com a utilização da Educomunicação, entendida como método de ensino no qual a comunicação em massa e a mídia em geral são usadas como elemento de educação. É um campo de convergência entre a educação e outras ciências humanas. A educomunicação acompanha os fatos do cotidiano, muito além dos livros didáticos, tendo como desafio fazer os alunos produzirem materiais sobre os conteúdos abordados. Um dos personagens da obra, tornou-se uma figura midiática, um mito moderno. Assim esse artigo vem de encontro a uma proposta de trabalho em sala de aula, um plano de aula, para alunos do 8º ano, visando uma reflexão em diversos campos.

Frankenstein: ou o Prometeu Moderno, foi escrito em 1818 e reeditado pela autora Mary Shelley em 1831, que mais madura, resolve dar uma polida e maior complexidade à obra, mas nada muito distinto do que havia escrito no passado. Antes de adentrarmos ao conteúdo da obra, é importante realizar uma breve apresentação da época em que foi escrita e da vivência de Mary, como uma mulher de seu período, visto que a obra tende a levar reflexões da própria vida da autora, refletida em seus personagens.

Mary é filha de dois grandes pensadores oitocentistas, Mary Wollstonecraft (1759 – 1797) e William Godwin (1756 – 1836). Ela é mais ligada a reflexões sobre os direitos das mulheres, e ele representante das ideias anarquistas. Duas personalidades icônicas, amados e odiados por muitos em seu período, classificados como radicais, e que por serem escritores famosos,

colocaram nos ombros de Mary, o peso de seus legados. Mary Wollstonecraft morreu dias após dar à luz Mary Shelley, devido a uma infecção, algo comum no período, mas a filha pelo resto de sua vida sentiu a dor de nunca ter conhecido Wollstonecraft e mais do que isso, foi incentivada por Godwin, seu pai, a ser tão boa quanto sua mãe, algo que nitidamente alcançou, mesmo não vivenciando a fama e os frutos de seus trabalhos em vida.

Além dos pais famosos, também foi esposa de Percy Bysshe Shelley (1792 – 1822), que teve seu legado escrito no grupo dos grandes poetas do romantismo inglês, e considerado no período que a obra *Frankenstein* foi publicada, como o autor da mesma, visto que nesse período mulheres deviam se manter invisibilizadas como escritoras, devido ao preconceito e a grande rejeição do público por obras femininas. No período de escrita de *Frankenstein*, Mary vivenciou tragédias que podem estar conectadas com sua obra, como o suicídio de sua irmã Fanny Imlay (1794 – 1816), e da ex-esposa de Shelley, Harriet Westbrook (1795 – 1816), além de sua primeira filha, Clara Shelley (1815 – 1815), ter falecido com treze dias de nascimento. Essas mortes, assim como a própria vivência das mulheres no período, de forma invisibilizada, trazem aspectos que podem ter inspirado a narrativa da obra, e para mais além disso, a própria conjuntura da sociedade, no ápice da revolução industrial, mudanças bruscas no dia a dia das pessoas, com a aproximação das máquinas, além das ideias pré-darwinistas e calvinistas.

2. A NARRATIVA ESCRITA QUE VIROU FILME

Na narrativa da obra, de forma resumida, temos um personagem central, Victor Frankenstein, um jovem nobre, que desde cedo tem uma certa aproximação com as ciências, e muitas dúvidas em relação à morte. Ao ingressar na Universidade de Ingolstadt, na Alemanha, orientado em seus estudos nas áreas de química e fisiologia, ele começa a simpatizar com um professor que trabalha com ideias calvinistas, além de ideias voltadas para a eletricidade. Assim, com o conhecimento transmitido por esse professor, Victor inicia suas

próprias pesquisas, cujo objetivo é criar uma criatura à imagem humana, não demorando muito para dar vida a um ser.

Após o nascimento da criatura, com o auxílio da eletricidade, Victor o abandona, e coloca esse novo ser em um mundo desconhecido. No decorrer da narrativa, a criatura começa a ter contato com outras pessoas e logo percebe que sua aparência não é agradável, provocando nelas ódio e ações violentas, assim resolve se esconder em um galinheiro, ao lado de uma choupana, e dali aprende os hábitos de uma pequena família francesa exilada.

A “criatura” os auxilia de forma solitária com recursos da natureza, como madeira, que recolhe à noite e a deixa na porta da família que não sabe nada sobre a sua existência. Ali ele aprende a ler, observando pela fresta da casa o aprendizado de um membro da família, não demorando para entender o que estava escrito no diário herdado de seu criador. Ao lê-lo e, após, ser descoberto pela família e tratado de forma hostil, resolve se vingar de Victor, matando seus entes queridos como forma de lhe trazer dor e sofrimento. Victor, aterrorizado com as mortes, encontra-se com a criatura e tentam entrar em acordo quanto ao fim das atrocidades. A criatura pede a Victor uma companheira, com a condição de que iria embora para as selvas da América do Sul, e nunca mais voltaria.

Ao se sentir culpado por tudo que estava acontecendo, Victor aceita a condição, se isola em uma ilha e procura uma esposa para a criatura. Ao quase concluir a criação, se arrepende e coloca fim ao projeto, causando mais ira na criatura que, como vingança, mata a esposa do mesmo. Depois desse ato, Victor persegue a criatura até a Rússia e o Polo Norte, onde é encontrado sem consciência, por um navio, comandado por um desbravador, chamado Walton, que lhe dá atendimento e busca saber sua história, contada ao longo da narrativa. A obra inicia-se nesse encontro e termina com a criatura entrando no navio e chorando sobre o corpo de Victor, que morre depois de tanto sofrimento e cansaço devido à perseguição. Desta forma, a criatura enfatiza que devido à morte de seu criador, a sua morte logo virá para terminar com a dor e o sofrimento que os dias solitários lhe trouxeram, além de livrar a humanidade de sua monstruosa presença.

2.1 O filme no processo de ensino-aprendizado

Sobre a obra fílmica Frankenstein, utilizada na atividade proposta pelo plano de aula, buscou-se utilizar o filme de 1994, produzido e estrelado por Kenneth Branagh, por entendermos que, desde há muito, é um objeto importante no ensino, que auxilia aqueles professores que buscam ferramentas alternativas em seu processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Moran (2000), “A integração das linguagens favorece o processo ensino-aprendizagem e acontece quando conseguimos integrar todas as tecnologias, as telemáticas, as audiovisuais, as textuais, as orais, musicais, lúdicas, corporais”. (MORAN, 2000, p.37). Cabe aos educadores, portanto, a busca estratégias que os ajudem em sala a incrementar suas aulas. Neste caso, “[...] ver filmes, [...] compreende olhares diferenciados num processo integrado que parte da perspectiva de que é tão importante sua apreciação quanto sua leitura.” (MARCIEL, 2000:01).

Retomando a análise comparativa, agora entre a obra escrita e o filme, podemos dizer que o que mais se aproxima da narrativa escrita, é a que dá um caráter mais filosófico à criatura e tira a imagem desajeitada e patética do monstro, cultuada especialmente por filmes da Universal Monsters. A película de 1994 tem cenas em total relação com a obra impressa. Por óbvio, algumas fogem da narrativa literária, dando caminho para novas possibilidades, especialmente em relação à noiva de Victor Frankenstein, que acaba sendo utilizada como matéria para a criação da “noiva da criatura”, dando um ar mais dramático às cenas.

Uma das passagens mais significativas é quando a criatura encontra seu criador em uma caverna de gelo, como mostra a imagem abaixo, e relata sua história, como o encontrou e especialmente o que sentiu e sente ao ser abandonado.



Figura 1: Cena do Filme Frankenstein de Mary Shelley (1994), dirigido por Kenneth Branagh, momento do encontro do criador e da criatura em uma caverna. Fonte: MARY SHELLEY'S FRANKENSTEIN. Direção de Kenneth Branagh. Produção de American Zoetrope e TriStar Pictures. Estados Unidos/Inglaterra: Londres: TriStar Pictures, 1994. DVD. (2h 3 min.), colorido.

3. INTERDISCIPLINARIDADE E EDUCOMUNICAÇÃO: UM CAMINHO

Ao trabalharmos com a obra Frankenstein, ou o Prometeu Moderno de Mary Shelley, podemos refletir aspectos literários, históricos e filosóficos, inserindo os alunos em um mar de questões e reflexões variadas e que podem estar presentes no seu dia a dia, independente da obra ter mais de 200 anos. E ao tratarmos de interdisciplinaridade, lidamos com as ideias de autores como Lenoir (1988), Boaventura (2014), Trindade (2008), Fazenda (2008) e Hernández (1998). Importante lembrar que a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade, como já foi dito, são exigências formais dos currículos nacionais (Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental e Médio).

3.1 Interdisciplinaridade

Boaventura (2014) aponta que um marco relevante para a interdisciplinaridade na área da Educação no Brasil foi a publicação de "Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia", em 1979, de Ivani Fazenda. Obra essa, como enfatiza Trindade (2008, p. 79), busca "[...] estabelecer a construção de um conceito para interdisciplinaridade, colocando-a como uma atitude, um novo olhar, que permite compreender e transformar o mundo, uma busca por restituir a unidade perdida do saber".

Sobre a Interdisciplinaridade, Fazenda (2008) afirma que:

[...] encontra-se diretamente ligado ao conceito de disciplina, onde a interpenetração ocorre sem a destruição básica às ciências conferidos [sic]. Não se pode de forma alguma negar a evolução do conhecimento ignorando sua história. Assim, se tratamos de interdisciplinaridade na educação, não podemos permanecer apenas na prática empírica, mas é necessário que se proceda a uma análise detalhada dos porquês dessa prática histórica e culturalmente contextualizada. (FAZENDA, 2008, p. 21)

Já de acordo com Leonir (1988), o conceito de interdisciplinaridade tem seu sentido em um contexto disciplinar:

[...] a interdisciplinaridade "pressupõe a existência de ao menos duas disciplinas como referência e a presença de uma ação recíproca" (Germain 1991, p. 143). O termo em si mesmo "interdisciplinaridade" significa a exigência dessa relação. É assim tratado por exemplo por Berger (1972), Smirnov (1983), D'Hainaut (1986), ou, mais recentemente, Nissani (1996). Todos reconhecem – e as definições que dão de interdisciplinaridade legitimam esse reconhecimento - a necessidade de uma interação (LENOIR, 1988).

Lenoir (1988) enfatiza que a perspectiva interdisciplinar não é, portanto, contrária à perspectiva disciplinar; ao contrário, não pode existir sem ela e, mais ainda, alimenta-se dela. O autor aponta que tal constatação mostra logo a existência de uma ligação efetiva entre a interdisciplinaridade e a didática, que aqui traz fundamentalmente sua razão de ser na descrição do conhecimento que instaura para ensinar.

Hernández (1998) situa a prática interdisciplinar em pelo menos três eixos:

a) Como forma de sabedoria, como um sentido do conhecimento que se baseia na busca de relações que ajude a compreender o mundo no qual vivemos a partir de uma dimensão de complexidade;

b) Como referência epistemológica que restabelece 'o pensamento atual como problema antropológico e histórico chave', o que leva a abordar e pesquisar problemas que vão além da compartimentação disciplinar;

c) Como concepção do currículo que adota formas tão díspares como a que coloca globalização na sequência de programação desde a qual podem relacionar conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, como propõem as atuais reformas de países como o Brasil e a Espanha.

3.2 Educomunicação

Sobre o conceito de Educomunicação, trabalhamos com as ideias de Junior (2007), Rivoltella (2005), Fantin (2007), Consani (2008) e Soares (2012). Como aponta Junior (2007), a Educomunicação propõe muito mais do que a simples leitura crítica de um produto audiovisual ou sua utilização apenas para a ilustração de determinado assunto. A intenção é ir muito mais além, fazendo com que o audiovisual na escola potencialize as formas de expressão de crianças e jovens e sua capacidade de comunicação com várias instâncias da escola e da sociedade.

Desta forma, ao trabalharmos com obra Frankenstein, ou o Prometeu Moderno de Mary Shelley, não só através da literatura, mas também na utilização de slides e audiovisual. A criatura Frankenstein é um mito moderno, presente no imaginário da sociedade atual e imensamente explorado pela mídia atual.

Ao referir-nos ao filme Frankenstein, cabe falarmos sobre a utilização de mídias no processo educativo, como dissertam Rivoltella (2005) e Fantin (2007):

A potencialidade formativa da produção de um audiovisual envolve tanto as diversas dimensões do cinema (cognitiva, psicológica, estética, social) em seus diferentes momentos (pré-produção, produção e pós-produção), como as diversas práticas educativas e culturais que configuram uma experiência teórica, prática, reflexiva e estética. Ou seja, entender a potencialidade do cinema como instituição, dispositivo e linguagem, ampliar repertórios culturais, desencadear novas sensibilidades e fazer audiovisual na escola, implica uma forma de conhecimento, de expressão e de comunicação capaz de aproximar educação, comunicação, arte e cultura através de um processo coletivo e intencional. Assim, ampliar as possibilidades educativas e culturais. de educar para o cinema demanda entender que “o cinema não é só uma máquina de produzir significados, mas também arte, campo de produção de valores” (RIVOLTELLA, 2005, p. 84). Eis aí uma síntese das razões da presença do cinema e da produção de mídias na escola que contribuiria para o fim último da mídia-educação, que é a educação para a cidadania (FANTIN, 2007).

Em relação a educomunicação, embora tenha se evidenciado mais recentemente, tem suas raízes nos anos 1970. Foi naquela época que o pensamento de dois ativistas — o comunicador argentino Mário Kaplún, e o educador brasileiro Paulo Freire — começou a ser disseminado, ainda no contexto de práticas alternativas a partir de instituições da sociedade civil, como

sindicatos e outras organizações terceiro setor (CONSANI,2008). Ainda de acordo com Soares (2012):

O marco referencial deste processo foi a pesquisa “O Perfil do Educomunicador”, na qual ocorreu o mapeamento preliminar de práticas que viriam a ser aglutinadas como vertentes educacionais de intervenção. Com base naquela recolha de dados, o grupo de pesquisadores do NCE definiu quatro vertentes principais a partir das quais os educadores atuam, sendo: educação para a e pela comunicação; a gestão da comunicação nos espaços educativos, a reflexão epistemológica sobre a prática educacional e a mediação tecnológica nos espaços educativos. Com o acréscimo de trabalhos posteriores, o leque de intervenções cresceu e abrange, hoje, sete modalidades (SOARES, 2012, 47).

Como aponta Junior (2007), a Educação propõe muito mais do que a simples leitura crítica de um produto audiovisual ou sua utilização apenas para a ilustração de determinado assunto. A intenção é ir muito mais além, fazendo com que o audiovisual na escola potencialize as formas de expressão de crianças e jovens e sua capacidade de comunicação com várias instâncias da escola e da sociedade. Desta forma ao trabalharmos com obra Frankenstein, ou o Prometeu Moderno de Mary Shelley, não só através da literatura, mas também na utilização de slides e audiovisual, porque como é sabido a criatura Frankenstein é um mito moderno, presente no imaginário da sociedade atual e imensamente explorado pela mídia atual.

Ainda sobre a utilização de mídias no processo educativo, como disserta Fantin (2007):

A potencialidade formativa da produção de um audiovisual envolve tanto as diversas dimensões do cinema (cognitiva, psicológica, estética, social) em seus diferentes momentos (pré-produção, produção e pós-produção), como as diversas práticas educativas e culturais que configuram uma experiência teórica, prática, reflexiva e estética. Ou seja, entender a potencialidade do cinema como instituição, dispositivo e linguagem, ampliar repertórios culturais, desencadear novas sensibilidades e fazer audiovisual na escola, implica uma forma de conhecimento, de expressão e de comunicação capaz de aproximar educação, comunicação, arte e cultura através de um processo coletivo e intencional. Assim, ampliar as possibilidades educativas e culturais

4. UMA PROPOSTA DE PLANO DE AULA

Como já visto ao longo do artigo, a obra Frankenstein, ou o Prometeu Moderno de Mary Shelley, consegue trabalhar uma gama de assuntos de interesses interdisciplinares, e pensando nessa atividade de reflexão conjunta, iremos apresentar um plano de aula, junto as disciplinas de Literatura, Filosofia e História, assim como em união com a Educomunicação, uma tarefa que apontamos ainda estar em total acordo com as diretrizes e bases da educação básica.

Para Paes (1990) e Giassone (1988), a obra Frankenstein, representa de forma exemplar, no campo da literatura, a crítica romântica do século XIX ao desenvolvimento desenfreado da indústria e da técnica a partir da Revolução Industrial, e suas possíveis consequências funestas para a sociedade ocidental (GIASSONE, 1988).

Como referência para pensarmos uma proposição de atividade em sala de aula, intitulada “Trabalhando literatura através da História e da Filosofia – Frankenstein ou o Prometeu Moderno de Mary Wollstonecraft Shelley”, recorreremos ao que é dito sobre o que se espera do alunos quando são tratando de habilidades e competências, recorreremos à Base Nacional Comum Curricular, que faz as seguintes

- (EF89LP33) Ler e compreender o enredo de romance de ficção científica;
- (EF69LP47) Identificar e analisar a composição do gênero romance de ficção científica: enredo, foco narrativo e os efeitos de sentido decorrentes dessa escolha, uso dos tempos verbais, a escolha lexical típica do gênero para a caracterização dos cenários e personagens, uso das diferentes vozes no texto (no caso, os dois narradores) etc.;
- (EF89LP32) Identificar e analisar os efeitos de sentido da intertextualidade;
- (EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e reconhecer os múltiplos olhares sobre as identidades,

sociedades e culturas, considerando a autoria e o contexto sócio histórico;

- (EF69LP46) Participar de práticas de compartilhamento de leitura de obras literárias, como rodas de leitura, tecer comentários de ordem estética e afetiva e justificar suas apreciações.
- (EF08HI03) Analisar os impactos da Revolução Industrial na produção e na circulação de povos, produtos e culturas.

A seguir, a proposta de Plano de Aula. O objetivo desta sequência didática é trabalhar com a obra Frankenstein, de uma forma que gere um amplo debate por parte dos alunos, interligando fatos históricos, a obra literária em quadrinhos e o filme que será exibido. Os docentes responsáveis pelas aulas, buscam também dar voz às escritoras femininas, e ao se trabalhar com a escritora Mary Shelly, demonstrar aos alunos como mulheres escritoras eram invisibilizadas no período trabalhado e ao longo dele.

1.1 TEMA (CONTEÚDOS):

Trabalhando literatura através da História e da Filosofia – Frankenstein ou o Prometeu Moderno de Mary Wollstonecraft Shelley

1.2 IDENTIFICAÇÃO DOS PRÉ-REQUISITOS:

- O aluno precisará ter conhecimento sobre a Inglaterra do séc. XIX;
- Compreender como era a vivência das pessoas na Inglaterra oitocentista, para assim compreender de forma mais ampla a obra e porquê a mesma foi um choque no período de sua publicação.
- Compreender a Revolução Industrial e a relação dos indivíduos com as máquinas, assim como a incerteza em relação às consequências do desenvolvimento científico decorrente da Revolução Tecnológica.
- Compreender o conceito de Modernidade.

- Compreender e refletir sobre as ideias dos filósofos Hobbes, Locke e Rousseau.

1.3 OBJETIVOS:

1.3.1 Geral:

1.3.2 Específicos:

- Compreender a obra Frankenstein, ou o Prometeu Moderno, de Mary Shelley e suas conexões com outros campos do conhecimento.
- Compreender as principais características da Revolução Industrial.
- Compreender o processo e as consequências da mecanização da produção e o surgimento de uma nova configuração social.
- Compreender e refletir sobre as ideias dos filósofos Hobbes, Locke e Rousseau.

1.4 RECURSOS:

- Quadro, giz, lápis, obra literária, cadernos, Datashow, projetor e obra cinematográfica.

1.5 PROCEDIMENTOS/ METODOLOGIA:

A primeira aula será expositiva, com slides para contextualizar a obra, a autora e o período histórico. Pretendemos apontar tópicos, em que os alunos deverão se atentar na leitura do romance em quadrinhos e que serão pontos de debate e reflexão ao longo das aulas.

Na disciplina literária, será contada a história de forma resumida, e mostraremos os personagens e a importância dos mesmos na obra. Na disciplina histórica iremos trabalhar com a Revolução Industrial e seu impacto na sociedade, com documentos de origem primária, como pinturas de fábricas e do trabalho humano dentro delas, para dar aos alunos uma noção do período histórico.

No decorrer dessa mesma aula será instigado o debate entre os alunos, para que façam conexões entre os documentos e suas próprias experiências ou observações da sociedade industrial moderna, além de refletirem sobre os personagens e o contexto trabalhado.

Em relação às imagens, optou-se por utilizar o acervo do Museu da Ciência e Indústria, localizado em Manchester, Inglaterra, que apresenta muitas pinturas da época, além de ser devotado ao desenvolvimento da ciência, tecnologia e indústria, com ênfase nas realizações da cidade nestes domínios, cujo link é: <https://www.scienceandindustrymuseum.org.uk/>.

A segunda, terceira e a quarta aula serão destinadas ao filme Frankenstein, uma das melhores adaptações já realizadas e que vem complementar as imagens trabalhadas na última aula, assim como as construídas no imaginário dos alunos através da leitura da obra,

Na quinta aula será trabalhado o tema: “Relação Homem e Sociedade em Frankenstein de Mary Shelley”, visando um debate filosófico a partir dos pensadores Hobbes, Locke e Rousseau. O professor de filosofia irá, em primeiro momento, realizar uma exposição como forma de relembrar os alunos as ideias desses pensadores e indagar frases de suas obras, que têm total relação com a obra Frankenstein.

Espera-se um amplo debate entre os alunos relacionando cenas do filme e da história em quadrinhos com as ideias apresentadas. Em Hobbes iremos nos utilizar da ideia central "O homem é o lobo do homem", como forma de refletir sobre as atitudes de Victor Frankenstein em abandonar sua criação, além do grande potencial da humanidade para o bem, mas também para o mal, especificamente quando procura apenas os seus próprios interesses, não se importando com o seu próximo.

Já em Locke iremos trabalhar a partir da obra Ensaio acerca do Entendimento Humano, onde o ser humano é, para Locke, semelhante a uma tábula rasa, sendo necessário ser condicionado e modelado pela educação, isso significa que o ser humano nasce sem nenhum conhecimento e é preenchido de acordo com as vivências que ele adquire. Já Rousseau nos

oferece uma ampla reflexão ao apresentar a ideia que “O homem nasce bom, mas a sociedade o corrompe”, contextualizado assim as ações ruins cometidas pela criatura, que após ser rejeitada, mata parentes de Victor Frankenstein como forma de lhe trazer tanta dor, quanto o mesmo adquiriu desde seu nascimento e rejeição não só por seu criador, mas pela sociedade em geral.

Na sexta aula, os alunos deverão escrever uma redação trabalhando com temas apresentados no decorrer das aulas, como as maneiras pelas quais "Frankenstein" reflete as mudanças e ansiedades sociais provocadas pela Revolução Industrial, limites da ciência, ciência e religião, preconceito ou ideias trazidas pelos filósofos Hobbes, Locke e Rousseau. Eles deverão usar exemplos específicos do romance para apoiar seus argumentos, sugere-se que utilizem cenas do filme para complementar suas ideias.

Na sétima e última aula, cada grupo deve compartilhar sua representação visual com a turma e realizar uma discussão sobre as conexões entre a obra "Frankenstein" e a Revolução Industrial. Pretendemos nessa aula fazer com que os alunos reflitam sobre como os temas e motivos do romance ainda são relevantes na atualidade.

1.6 AVALIAÇÃO:

Os alunos serão avaliados em sua participação nas discussões em grupo, na através do ensaio que deverá ser entregue ao professor responsável.

1.7 SÍNTESE:

Ao final desta sequência didática, espera-se que os alunos tenham condições de refletir sobre uma obra literária e fazer conexão com o passado histórico, assim como a realidade em que os mesmos vivem.

2. MATERIAIS A SEREM UTILIZADOS NAS AULAS:

2.1 *Livro Frankenstein, ou o Prometeu Moderno*: pretendemos trabalhar com a obra em quadrinhos, visto que os alunos podem apresentar mais interesse por esse tipo de conteúdo. A obra será Frankenstein (2007), adaptada por Marion

Mousse, e que está disponibilizada pelo Programa Nacional do Livro Didático – PNLD, as escolas.

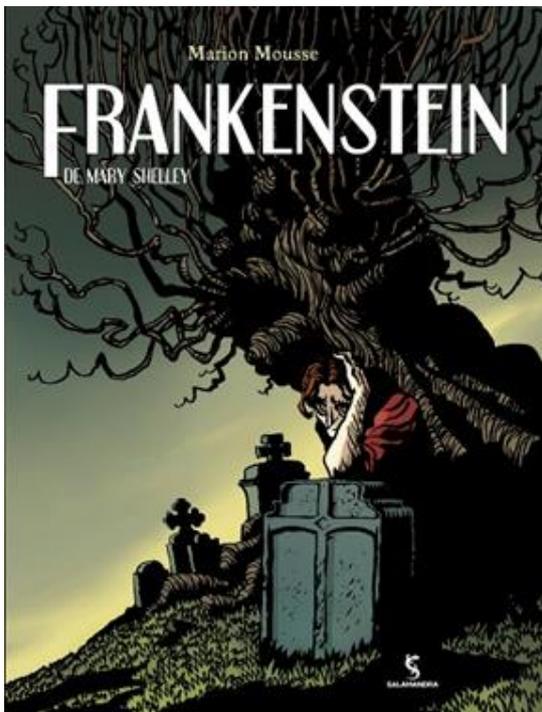


Figura 2: Capa do HQ Frankenstein de Mary Shelley, adaptado por Marion Mousse.
Fonte: <https://www.moderna.com.br/literatura/livro/frankenstein>

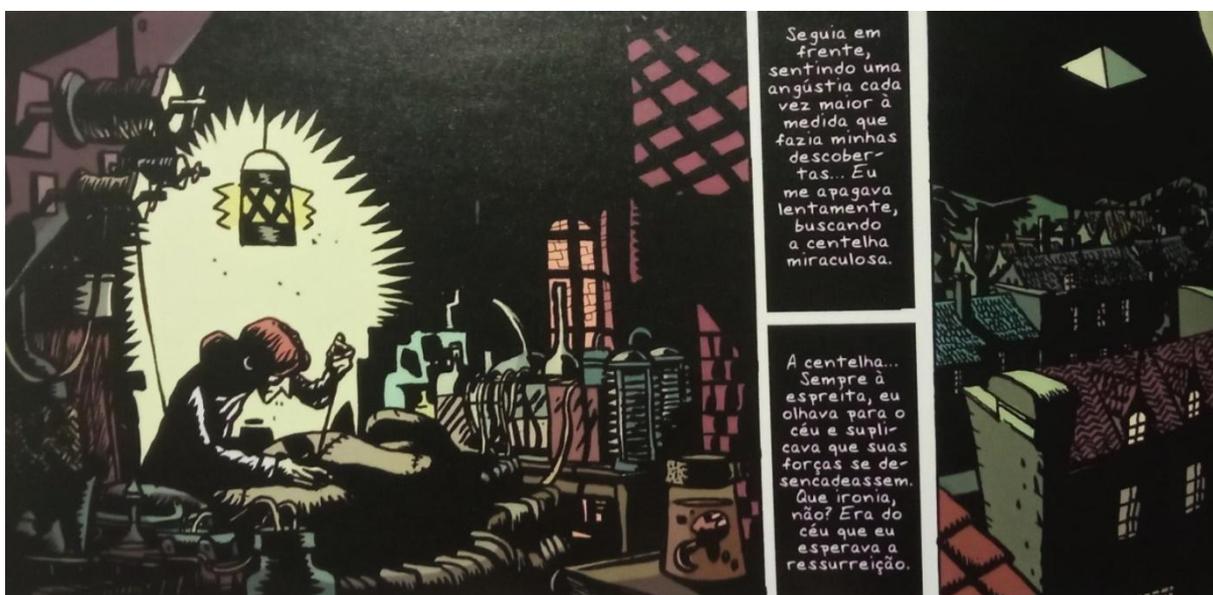


Figura 3: Victor Frankenstein trabalhando na criação da criatura. Fonte: MOUSSE, Marion. Frankenstein. São Paulo: Salamandra, 2009.

2.2 Datashow: Pretendemos utilizar recursos midiáticos em todas aulas, com a apresentação de slides contendo imagens e vídeos para a auxiliar o trabalho de aprendizagem, assim como o interesse dos alunos.

2.3 Filme: Mary Shelley's Frankenstein, também conhecido como Frankenstein (Brasil: Frankenstein de Mary Shelley / Portugal: Frankenstein) é um filme de 1994, dirigido por Kenneth Branagh, tendo no elenco o próprio Branagh, Robert de Niro, Tom Hulce, Helena Bonham Carter, Aidan Quinn, entre outros. Trata-se de uma adaptação da obra Frankenstein, da escritora Mary Shelley.

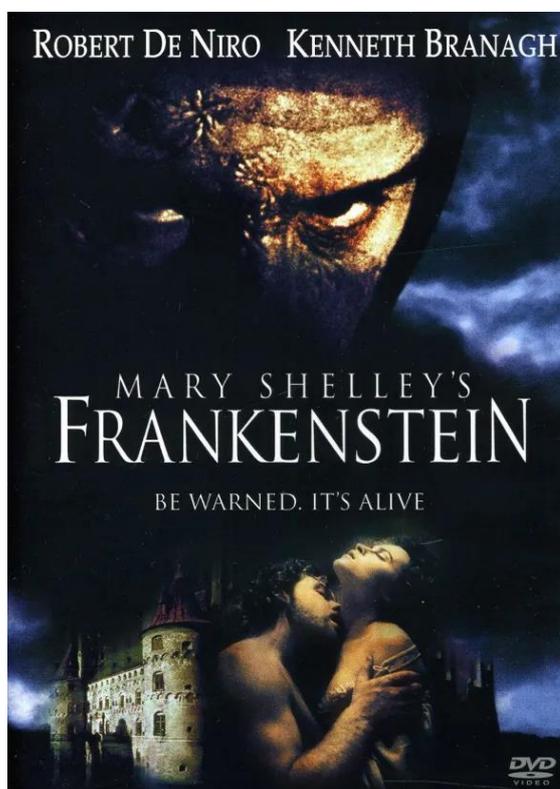


Figura 4: Capa do Filme Frankenstein de Mary Shelley (1994), dirigido por Kenneth Branagh.
Fonte: <https://arteprogreso.files.wordpress.com/2015/01/frankcapa.jpg?w=584&h=824>

5. Considerações Finais

Concluimos esse artigo apontando que através das atividades propostas pelo plano de aula aqui apresentado, e através do auxílio da Interdisciplinaridade

e da Educomunicação, estamos como aponta BRASIL (2011), educando para a mídia, através do aprimoramento e desenvolvimento de uma visão crítica sobre os conteúdos da mídia, e desta forma preparando os alunos para o recebimento da informação.

Ainda de acordo com BRASIL (2011), estamos também educando por meio da mídia, ao utilizar os meios de comunicação como ferramentas complementares na sala de aula e na abordagem de conteúdo, e educando com a mídia, ao produzir um conteúdo informativo e reflexivo, como é o caso deste Plano de Aula, capacitando os alunos a criar um veículo (comunitário ou independente) e possibilitando a prática da livre forma de expressão, objetivando sempre gerar conhecimento, dialogar com a comunidade e desenvolver a participação cidadã (BRASIL, 2011).

Referências bibliográficas

BRASIL, Paraná. Universidade Federal do Paraná. **Educomunicação**. 2011. Acesso em janeiro de 2023 < http://www.ciencias.seed.pr.gov.br/arquivos/File/sugestao_leitura/cartilhaeducocomunicacao.pdf>

CONSANI, Marciel Aparecido. **Mediação tecnológica na educação: conceito e aplicações**. 263p. 2008.

FANTIN, Monica. **Mídia-educação: conceitos, experiências e diálogos Brasil Itália**. Florianópolis, Cidade Futura, 2006.

FAZENDA, Ivani. (org.). **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.

GIASSONE, Ana Cláudia. **O mosaico de Frankenstein**. Brasília: UNB, 1998.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. Tradução Jussara Haubert Rogrigues. – Porto Alegre: ArtMed, 1998.

HOBBS, Thomas. **Leviatã**. São Paulo: Martins Fontes. 2003.

LOCKE, J. **Ensaio sobre o entendimento humano**. Lisboa: Calouste Gulbenkian. 2010.

MACIEL. Guacira Pacheco, PAIS. Naura Silveira, (Elaboradores) **Orientações para o Ensino Médio**. Coordenação do Ensino Médio. Diretoria de Educação Básica da secretaria de Educação do Estado.

MORAN, José Manuel. **Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias.** Informática na Educação. Teoria & Prática. Porto Alegre: UFRGS, vol. 3, n.1 set. 2000.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação.** São Paulo: Editora Contexto. 2014.

MARY SHELLEY'S FRANKENSTEIN. Direção de Kenneth Branagh. Produção de American Zoetrope e TriStar Pictures. Estados Unidos/Inglaterra: Londres: TriStar Pictures, 1994. DVD. (2h3min.), colorido.

MOUSSE, Marion. **Frankenstein.** São Paulo: Salamandra, 2009.

PAES, José Paulo. **Gregos e baianos.** São Paulo: Ática, 3. ed. 1990.

RIVOLTELLA, Pier Cesare. **Il cinema luogo di educazione, tra sacuola ed extra-escuola.** In RIVOLTELLA, Pier Cesare. Media education: fondamenti didattici e prospettive di ricerca. Brescia, Editrice La Scuola, 2005.

ROUSSEAU, Jean Jacques – **Discurso sobre a origem e os fundamentos das desigualdades entre os homens** / Jean Jacques Rousseau; [introdução de João Carlos Brum Torres]; tradução de Paulo Neves. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2008.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein ou o moderno prometeu.** Trad Adriana Lisboa 2 ed Rio de Janeiro Nova Fronteira, 2014

SOARES, I. A. **Educomunicação**, o conceito, o profissional, a aplicação. São Paulo: Paulinas, 2012.

TRINDADE, Diamantino Fernandes. **Interdisciplinaridade:** Um novo olhar sobre as ciências. In: FAZENDA, Ivani. (org.). O Que é interdisciplinaridade? São Paulo: Cortez, 2008.